

**DO DESESPERO À FRAGMENTAÇÃO DA VIDA:  
uma análise existencial do “eu” a partir de Kierkegaard e Mário de Sá-  
Carneiro**

[FROM DESPAIR TO THE FRAGMENTATION OF LIFE:  
A KIERKEGAARD AND MARIO DE SÁ-CARNEIRO'S EXISTENTIAL ANALYSIS  
OF THE “SELF”]

**Leonardo Silva Sousa**  
*leonardo.sousa@hotmail.com*

*Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Mestre pelo programa de pós-graduação em Cultura e Sociedade – PPGCULT – UFMA.*

**DOI: [10.25244/tf.v12i2.304](https://doi.org/10.25244/tf.v12i2.304)**

Recebido em: 12 de maio de 2019. Aprovado em: 12/08/2019

Caicó, ano 12, n. 2, Jul.-Dez., 2019, p. 75-87, ISSN 1984 - 5561  
Fluxo Contínuo



DOI: [10.25244/uf.v12i2.304](https://doi.org/10.25244/uf.v12i2.304)

**Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro**

SOUSA, Leonardo Silva

**Resumo:** Uma análise do problema do “eu” aproximando os autores Søren Kierkegaard (1813-1855) e Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), apresentando a experiência do desespero e da dispersão. Para esta atividade, recorre-se-á a obra *O desespero humano* (1849) do autor dinamarquês e *A confissão de Lúcio* (1913), narrativa do escritor modernista. O objetivo do presente artigo é exercitar a interdisciplinaridade entre a filosofia e a literatura, campos que dialogam a respeito da existência.

**Palavras-chave:** Søren Kierkegaard. Mário de Sá-Carneiro. Eu. Desespero. Dispersão.

**Abstract:** An analysis of the problem of “self” approaching the authors Søren Kierkegaard (1813-1855) and Mario de Sá-Carneiro (1890-1916), presenting the experience of despair and the dispersion. For this activity, we will use the text *The Human Despair* (1849) of the Danish author and the *Lúcio's Confession* (1913), narrative of the modernist writer. This paper has the objective to exercise the interdisciplinarity between philosophy and literature, fields that talk about existence.

**Keywords:** Søren Kierkegaard. Mário de Sá-Carneiro. Dispair. Dispersion.

**Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro**  
SOUSA, Leonardo Silva

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

A proposta desse artigo é exercitar a interdisciplinaridade entre a filosofia e literatura, trazendo para a discussão o dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) e o modernista Mário de Sá-Carneiro (1890-1916). Nosso intento é tentar aproximar estas personalidades por um assunto basilar que se desdobra nas obras dos autores: a abordagem do eu.

É na obra *O desespero humano* (1849) que o filósofo dinamarquês oferece aos seus leitores, uma análise existencial do homem partindo das categorias que fundam o seu ser através do conceito de desespero. Anti-Climacus é o pseudônimo responsável por desenvolver reflexões a respeito deste conceito. O desespero pode surgir como um incômodo ou inquietação porque além de ser formado por categorias heterogêneas, está na possibilidade da existência do indivíduo que um terceiro termo venha à tona. Este terceiro termo é o espírito, o eu.

Também interessou a Sá-Carneiro, o desenvolvimento desse assunto em suas obras ganhando, é claro, outro propósito para o seu projeto literário. Próximo das vanguardas estéticas como o cubismo, o futurismo e o sensacionismo, além de profundo admirador do decadentismo e do simbolismo, Sá-Carneiro desenvolve uma obra poética e em prosa marcado por todas essas tendências. Mas, em se tratando do tema do eu, Fernando Cabral Martins argumenta que “Sá-Carneiro transforma o Eu lírico no objeto único de *Dispersão*. Um Eu que não pode constituir-se pois lhe faltam os limites, nem pode identificar-se porque lhe falta o outro, um Tu” (MARTINS, 1997, p. 327). É o indivíduo que não consegue se apegar a sua realidade, caracterizado por ser incompleto, na ânsia pelo desejo de ampla realização. Na narrativa *A Confissão de Lúcio* (1913) está sendo apresentado, o conflito do sujeito que não possui uma identidade concreta. Alimentado por um vazio que consome sua alma, ele se realiza em um outro. Este processo se chama a dispersão do eu, o desdobramento do sujeito em outro, realizado por Ricardo de Loureiro, interessante personagem da obra e objeto de análise nesse estudo.

Sendo assim, o trabalho está dividido em dois momentos: primeiramente, será exposto como Kierkegaard, através de Anti-Climacus desenvolve o problema do eu partindo do conceito de desespero e como este se relaciona com o existente a partir do livro *O desespero humano*. Em seguida, será exposta a curiosa forma como o poeta português desenvolve a mesma questão, partindo da noção da dispersão do indivíduo. Nesta parte, a obra a ser utilizada será a narrativa *A confissão de Lúcio*.

---

<sup>1</sup> Esse trabalho é fruto da pesquisa de Dissertação sob o título *Da vontade desesperada em querer tornar-se um si-mesmo à tristeza de nunca sermos dois: Kierkegaard, Mário de Sá-Carneiro e a questão do Eu* para o Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – PGCULT-UFMA – Mestrado Interdisciplinar sob a orientação da Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa.

**Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de  
Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro**  
SOUSA, Leonardo Silva

**A ENFERMIDADE MORTAL TRATADA POR ANTI-CLIMACUS E SUA  
RELAÇÃO COM O “EU”**

A morte está entre um dos acontecimentos que mais aterrorizam e que mais despertam curiosidade nos seres humanos. Para muitos, a morte é a pior experiência que um indivíduo pode vivenciar, seja diante do obituário de um ente querido ou a partir dos últimos suspiros que lhe restam e que tratam de noticiar que não habitará mais este plano. Mas Anti-Climacus, um dos famosos pseudônimos do filósofo Kierkegaard trata de apresentar um enfermo que seria muito pior do que a morte. É na obra *O desespero humano* de 1849, que Anti-Climacus apresenta a experiência do desespero para o existente. Este desespero, que pode ser interpretado como um desamparo, um desconforto ou abatimento ganha uma dimensão existencial e antropológica na voz do pseudônimo do filósofo dinamarquês. Para este pseudônimo, o desespero é a doença mortal, jamais remédio, residindo no indivíduo em menor ou maior grau de manifestação, tomado pelas diversas faces que lhe são próprias.

Kierkegaard, antes de promover a Anti-Climacus, a tarefa de tratar do desespero, já havia demonstrado os passos da existência de um indivíduo consumido pela enfermidade mortal ao criar o autor personagem “A”, escritor dos textos da primeira parte da obra *A alternativa* (1843). “A” é um autor esteta, um poeta que vive a experiência do desespero. Nos diversos aforismos da coletânea de *Diapsalmata*, que fazem parte da primeira parte de *A alternativa*, o esteta “A” apresenta um emaranhado de reflexões poéticas sobre a vida, onde percebemos que o autor encontra-se desconfortável diante do estado de sua existência. Diz “A” em um de seus aforismas: “a minha alma está tão pesada que pensamento algum consegue mais sustê-la nenhum bater de asas consegue elevá-la mais no éter [...]. Sobre o íntimo do meu ser incuba uma opressão, uma angústia, que presente um tremor de terra” (KIERKEGAARD, 2013, p. 59). Incapaz de alcançar propósitos maiores para a sua existência, “A” considera que a sua vida não possui mais sentido. É um poeta desesperado que expressa as dores de sua alma com profunda sensibilidade poética

Assim como “A”, não há nenhum ser humano que não esteja tomado pela enfermidade mortal. O desespero exterioriza-se de uma forma ou de outra, retratando o quadro existencial do indivíduo. Anti-Climacus, em sua cuidadosa reflexão sobre o desespero, oferece a nós, leitores, um exame aprofundado sobre suas possibilidades de manifestações. Na primeira parte de sua obra, o autor analisa o desespero sob a perspectiva dos termos que constituem o indivíduo e da dimensão de sua consciência sobre a enfermidade.

Nosso autor religioso afirma que “o homem é espírito” (KIERKEGAARD, 1979, p. 195). Ser Espírito é ser um eu, que é algo relacional, de tal modo que “o eu não é a relação em si, mas o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida” (Idem, p. 195). Para que isso seja possível, Anti-Climacus reforça que a relação do eu deve ser orientada para a interioridade. Quanto maior for o reconhecimento e a preponderância da interioridade no indivíduo, maior a possibilidade de manifestação do eu. Os termos que caracterizam o homem são infinitude e a finitude, a temporalidade e a eternidade, o possível e o necessário<sup>3</sup>. Somos, portanto, uma síntese de categorias que

<sup>3</sup> Como afirma Anti-Climacus: “O homem é uma síntese de infinito e finito, de temporal e eterno, de liberdade e necessidade, é em uma síntese. Uma síntese é a relação de dois termos” (KIERKEGAARD, 1979, p. 195).

**Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de  
Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro**  
SOUSA, Leonardo Silva

precisam se relacionar. A relação com as categorias podem – se possível – apresentar qual tipo de desespero que o homem está enfrentando.

Quando há um predomínio de uma categoria sobre a outra, o desesperado vivencia um desequilíbrio no tocante aos fatores da síntese do eu. Anti-Climacus expressa que é possível se desesperar diante da *infinidade ou carência de finito* quando o existente quer tratar de desenvolver uma existência imaginária, perdendo a finitude que não pode ser ignorada. Anti-Climacus rechaça que “é o imaginário em geral que transporta o homem ao infinito, mas afastando-o apenas de si próprio e desviando-o assim de regressar a si próprio” (KIERKEGAARD, 1979, p. 209). O indivíduo relaciona-se com uma existência abstrata e o imaginário, que estimula a capacidade de infinitização do indivíduo, acaba por contribuir para o afastamento deste de si próprio. Sobre esta forma de desespero, existe também o seu contrário o qual Anti-Climacus trata de classificar como *desespero do finito ou a carência de infinito*. Trata-se do existente que se prende à finitude, ao se fechar nela – como clareia Anti-Climacus, “se torna um número, mais um ser humano, mais uma repetição dum eterno zero” (KIERKEGAARD, 1979, p. 210), lançado no mundo e abarrotando-se de ocupações humanas, este desesperado ilustra o homem acolhido no rebanho, no seio da multidão, que perdeu a capacidade de tornar-se um eu.

O homem também se desespera no tocante ao possível e ao necessário. Trata-se da situação na qual o desesperado sofre do *desespero do possível ou a carência de necessidade* ou seu contrário, o desespero de se estar na necessidade, *ou carência de possível*. No primeiro, o indivíduo se desespera porque o eu é necessidade e possibilidade, sendo que ele quer se realizar, mas é necessário de algo que o prenda para que ele não se perca na dimensão infinita do possível já que Anti-Climacus acentua que “o campo do possível não para de crescer aos olhos do eu” (KIERKEGAARD, 1979, p. 212) e neste movimento, a necessidade se constitui como imprescindível para que seja capaz de fixá-lo, a fim de não se perder e carecer de realidade. Quando é impelido pelo possível se esquecendo do necessário, este indivíduo não é capaz de se enxergar a si próprio em um espelho, como expressa Anti-Climacus em sua obra. No máximo enxerga uma imagem, um certo alguém, mas não o seu eu. Já na segunda forma de desespero, quando o desesperado caracteriza-se pela ausência de possível e grande adição de necessidade, o autor vale-se de um exemplo para tratar a condição desse desesperado: “suponhamos que transviar-se no possível se compara ao balbuciar infantil, carecer de possível será assim, como ser mudo. A necessidade parece ser apenas de consoantes, mas o possível é necessário para pronuncia-las” (KIERKEGAARD, 1979, p. 213). É o possível que impulsiona o indivíduo a realizar-se, desistindo do possível, desiste de si mesmo e o eu não se realiza. Anti-Climacus situa como exemplos a condição do fatalista e do determinista no tocante à carência de possível: “o eu do determinista não respira, visto que a necessidade pura é irrespirável e asfixia inteiramente o eu. O desespero do fatalista consiste em ter perdido o eu ao perder Deus; carecer de Deus é carecer do eu” (KIERKEGAARD, 1979, p. 214-215). É que ambos só reconhecem a categoria da necessidade e não se lançam no possível, e somente pelo possível – quando orientado para Deus, sendo que o homem não pode salvar a si mesmo, pelas suas próprias forças – a salvação para este desesperado pode ser possível. Percebemos que as categorias do possível e do necessário<sup>4</sup> devem se relacionar de tal modo que o possível ganhe uma determinação concreta por meio da necessidade.

<sup>4</sup> Para representar a categorias do possível e do necessário, Anti-Climacus utiliza uma interessante simbologia capaz de representar estes termos fundamentais ao homem: “o possível lembra a criança que recebe um convite

DOI: 10.25244/uf.v12i2.304

**Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro**  
SOUSA, Leonardo Silva

Nas primeiras páginas de sua obra, *Anti-Climacus* já nos fala de três formas de desespero vivenciados pelo existente no tocante a consciência ou não de estar tomado por este estado que lhe causa discordância e incômodo. São três as formas de manifestação do desespero: *inconsciência de se ter um eu*; *o desespero de não querer assumir o seu eu e a vontade desesperada de querer ser este eu*. Nesta primeira forma de desespero, considerada a mais comum - já que abrange uma enorme parcela de indivíduos - o existente desesperado não se reconhece enquanto um eu, vivendo uma vida sem o propósito de colocar em evidência o terceiro elemento que o constitui, o espírito. Ignora seu estado existencial, pensando que está tudo em concordância, agindo de maneira natural. *Anti-Climacus* argumenta que “é nesta ignorância que o homem tem menor consciência de ser espírito. Mas, precisamente, esta inconsciência é o desespero, quer seja uma extinção de todo espírito, uma simples vida vegetativa ou então uma vida múltipla” (KIERKEGAARD, 1979, p. 218). Ora, se quisermos nos apropriar de um exemplo, não seria esta forma de desespero vivenciada por Gregor Samsa, personagem da novela *A metamorfose* (1915) de Franz Kafka? Ao acordar em um corpo medonho, Gregor só pensa em pegar o trem e ir para o seu trabalho, parecendo não se dar conta de seu quadro degradante. Gregor parece viver uma vida simples e vegetativa, na carência da consciência de possuir um eu, já que suas principais preocupações são a de retornar do trabalho para casa e garantir o sustento de sua família<sup>5</sup>. Nessa condição, o desesperado se prende ao terreno da temporalidade, vive somente por aquilo que é necessário e que dá continuidade a sua existência.

Diante de um espelho, um homem neste estado não vê a si mesmo, mas um eu qualquer como declara *Anti-Climacus*. Viver sob a inconsciência de se ter um eu é viver de maneira inautêntica, sendo esta uma das formas de desespero que aparece com maior vigência em indivíduos que circulam na multidão, absorvidos por ocupações temporais e rotineiras. Um desesperado desse comete um crime contra si mesmo.

Contrariando essa forma de desespero, há também o desespero qual o homem possui certa consciência de um eu. Esta forma de desespero recebe o título de *do desespero consciente de sua existência; consciente portanto dum eu de certa eternidade*. Neste desdobramento da enfermidade mortal, o existente pode desejar ou não ser a si próprio. *Anti-Climacus* afirma que nestas condições, o desesperado ainda não conhece amplamente a doença mortal, chegando até duvidar de seu estado existencial:

No seu íntimo ele bem duvida do seu estado, sente-o até, como quando se pressente a doença latente, mas sem grande vontade de descobrir qual seja. Em certo instante quase apercebe do seu desespero, outro dia já o seu mal-estar lhe parece ter outra origem, como se fosse qualquer coisa de

---

agradável e diz logo sim; resta saber se os pais darão licença... e os pais desempenham o papel da necessidade” (KIERKEGAARD, 1979, p. 212). A necessidade desempenha o papel de determinar a posição do possível para que ele não se perca em um devir infundável levando o desesperado a perder-se em meio a efetuação de suas possibilidades.

<sup>5</sup> Há uma passagem na novela que parece ser compatível com esta ideia: “Antes de soar sete e um quarto preciso de qualquer modo ter deixado completamente a cama. Mesmo porque até então virá alguém da firma perguntar por mim, pois ela abre antes de sete horas” (KAFKA, 1997, p. 10). Cheio de patas e portando uma dura carapaça, Gregor parece estar mais preocupado diante da possibilidade do gerente de sua firma notar sua ausência no trabalho e ir visitá-lo. Isto revela que independente da situação que agora se encontra, a vida do jovem limita-se apenas ao compromisso com o trabalho na tentativa de ajudar seus pais em suas dívidas financeiras. Daí, a “possível” ideia de que Gregor vive uma vida imersa na temporalidade, vivendo o desespero da inconsciência de se ter eu.

DOI: 10.25244/uf.v12i2.304

## Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro

SOUSA, Leonardo Silva

exterior, fora dele, e cuja substituição aboliria o desespero (KIERKEGAARD, 1979, p. 220).

Quando se sente incomodado pela doença mortal, atribui fatores externos a ela, e se enchendo de distrações, busca eliminar qualquer possibilidade para que reflita sobre seu quadro. Mas o desespero se intensifica neste existente, pois este já demonstrou certo grau de consciência sobre sua condição, mesmo que decida abdicar da possibilidade de aprofundar-se em si mesmo, em querer ser a si mesmo.

E quando o existente decide por não querer ser um eu, o homem vivencia o *desespero-fraqueza*. Este tipo de desespero corresponde ao homem do imediato, que nas palavras de Anti-Climacus, “ao se desesperar, nem sequer tem eu suficiente para ao menos desejar ou sonhar ter sido aquilo que não foi. Defende-se então de outra maneira desejando ser outrem” (KIERKEGAARD, 1979, p. 223). Este homem deseja ser um eu que ele não deve ser negando a possibilidade de ser a si mesmo. É pontual esclarecer que o desesperado neste caso, se desespera tanto da temporalidade, quanto da eternidade. Ao se desesperar da eternidade, está se desesperando do eu eterno que não quer ser.

Já quando o indivíduo admite a consciência de que possui um eu infinito, pretendendo querer ser a si mesmo, o existente está vivenciando o *desespero-desafio*. Entretanto, busca pelas suas próprias forças empreender a tarefa de se desenvolver, de criar o seu próprio eu já que se sente autônomo e poderoso diante de tal tarefa. A sua laboriosa atividade não o leva a uma relação com o eu eterno, por mais que ouse se esgotar na agitação do possível. A orientação do eu deve ser para o Ser Eterno que é Deus, unidade absoluta que proporcionou a cada indivíduo a possibilidade de ser um eu.

De acordo com Anti-Climacus, o desespero tem profunda relação com o pecado. Ele é o estado de não-verdade do existente e, na sua relação com a enfermidade mortal, se expressa quando o indivíduo não quer ser tornar um eu concreto. Expressa Anti-Climacus: “pecamos quando, perante Deus ou com a ideia de Deus, desesperados, não queremos, ou queremos ser nós próprios”. O pecado é deste modo fraqueza ou desafio elevados à suprema potência; e portanto, condensação do desespero” (KIERKEGAARD, 1979, p. 239). Deus é o alicerce necessário para que o homem venha a se tornar um eu, e para isso deve estar a par da consciência de que não pode, pelo próprio empenho, construir para si um eu imaginário. Todos nós, conforme Anti-Climacus, somos uma síntese que possui o objetivo de tornar-se um espírito. Somente Deus, em sua potência absoluta pode fazer com que o homem oriente as categorias do finito e do infinito, do possível e do necessário, do temporal e do eterno para uma justa relação em que os termos não se sobressaiam uns sobre os outros. A fé é a experiência que pode orientar o homem para o enfrentamento da doença mortal. Ora, deste modo, o desespero demonstra sua positividade para o existente. Vantagem ou imperfeição? Esta é a pergunta levantada por Anti-Climacus em seu livro e o autor ressalta que ser tomado por este enfermo demonstra a inclinação do ser humano para a experiência do infinito, oferecendo-se enquanto uma porta para que ele possa tornar-se um eu autêntico. O desespero pode proporcionar ao existente a capacidade de transformação de si mesmo. Pela forma como o homem relaciona-se com a doença mortal, o desespero pode ser o estado no qual, o indivíduo pode orientar a sua vida para um propósito especial, o de tornar-se si mesmo. Por outro lado, relacionando-se negativamente com a doença mortal, o desesperado pode aprofundar-se em um abismo, vivendo uma existência inautêntica. Atingir a capacidade

**Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de  
Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro**  
SOUSA, Leonardo Silva

de ser um eu concreto só é possível quando o existente se relaciona com a verdade. Verdade que se apresenta enquanto um paradoxo, mas que pode ser alcançada pelo desesperado<sup>6</sup>.

### **SÁ-CARNEIRO E A DISPERSÃO DO SUJEITO EM *A CONFISSÃO DE LÚCIO***

Ora, se Kierkegaard na voz do autor religioso Anti-Climacus, trata de desenvolver suas reflexões sobre o eu, partindo de uma reflexão existencial e antropológica a partir de categorias existenciais que o constituem, como um dos poetas de *Orpheu* desenvolve esta questão em sua obra literária? Com um olhar atento, percebemos em Sá-Carneiro uma leitura da existência talhada pela experiência de incompletude, angústia e vazio vivenciado pelo indivíduo. Esta parece ser também a condição do homem desesperado: o que ele sente é um desconforto, um desequilíbrio interno que, conforme avança o grau de consciência sobre seu estado, torna-se mais intenso.

Na narrativa *A confissão de Lúcio*, datada do ano de 1913, Sá-Carneiro nos leva a uma aventura enigmática, cujas personagens da trama vivenciam a Bellé Epoque francesa, com os seus cafés e music-halls. E como sugere o título, trata-se da confissão de Lúcio Vaz, um escritor jovem condenado a cumprir dez anos de prisão por um crime que diz não ter cometido. Lúcio Vaz é acusado de ter dado fim à vida de Ricardo de Loureiro, com quem partilhava de ideias sobre arte. Lúcio e Ricardo são escritores, apaixonados pela literatura de tal forma que não conseguem separar arte de suas existências. Para ambos, uma vida que não é temperada com altas doses de arte caracteriza-se como uma vida qualquer, vulgar e comum.

Lúcio conhece Ricardo por meio de Gervásio Vila-Nova, um artista que o apresenta ao escritor antes de embarcarem no espetáculo chamado *Orgia do Fogo* na mansão de uma interessante mulher, conhecida de Gervásio Vila-Nova, tratada na narrativa apenas como a americana. Um parêntese se faz necessário ao mencionarmos esse espetáculo: profundamente caracterizada por marcas e descrições sinestésicas, a *Orgia do Fogo*<sup>7</sup> define-se como um ritual ou espécie de celebração do encontro de Lúcio com Ricardo. Após o espetáculo, Lúcio e Ricardo se tornam íntimos, momento em que o poeta revela diversos desejos estranhos e confidências insólitas ao amigo: “Eu não sei ter afetos. Os meus amores foram sempre ternuras... Nunca poderia amar uma mulher pela alma – isto é: por ela própria” (SÁ-CARNEIRO, 1995, p. 376), e é por não saber ter afetos que o artista revela não ser amigo de ninguém, nem do próprio Lúcio:

<sup>6</sup> A verdade que aqui se fala é a verdade que pode surgir ao existente pela forma de paradoxo. No *Pós-escrito* de 1846, Joahannes Climacus afirma que “a subjetividade é a verdade. Ao se relacionar a verdade essencial eterna com o existente surge o paradoxo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 220). E o autor prossegue em sua reflexão: “De que modo surge o paradoxo? Ao serem justapostos a verdade essencial eterna ao existir” (Ibid., p. 220). Ora, o paradoxo consiste em que o existente, caracterizado pelo devir pode conhecer a verdade eterna essencial já que ela aparece no tempo. A verdade é experiência relacional do existente com Deus, a apropriação que ele tem do conteúdo revelado dessa relação no devir da estada existencial.

<sup>7</sup> Este espetáculo de arte que aparece n<sup>o</sup> *A Confissão de Lúcio* retrata, conforme Fernando Cabral Martins (1997) um tipo de evento ultra-realista, caracterizado pela máxima expressão de sensações e sentimentos. A orgia “é o espelho ou a alegoria de um mundo em que a coexistência do sonho e realidade se tornam possível?” (MARTINS, 1997, p. 229). Cabe ressaltar que a prosa Sá-Carneiriana possui marcas da tradição decadentista e simbolista. O evento meteórico da *Orgia do Fogo* apresenta os traços dessas escolas como a iluminação do cenário e a descrições por parte do narrador-personagem das experiências sensoriais traduzidas em uma linguagem poética do espetáculo.

## Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro

SOUSA, Leonardo Silva

Não proteste... Eu não sou seu amigo. Nunca soube ter afetos – já lhe contei – apenas ternuras. A amizade máxima, pra mim, traduzir-se ia unicamente pela maior ternura. E uma ternura traz sempre consigo um desejo caricioso: um desejo de beijar... de estreitar... Enfim: de possuir! (SÁ-CARNEIRO, 1995, p. 376).

Para Ricardo, a expressão de amizade e afeto por um amigo só poderia ser traduzida por uma grande ternura, acompanhada de calorosos abraços e beijos. Mas, para que isso pudesse vir a ser concretizado, era necessária uma transformação: ou ele ou o objeto amado teriam de mudar de sexo para que o artista pudesse saciar este desejo sublimado.

A incapacidade de tornar esse desejo realizável faz de Ricardo um homem angustiado. Ricardo vive um desequilíbrio psíquico com a realidade. O que o artista deseja é algo inverossímil e estranho: a posse de alma de um amigo que se funde em um desejo carnal.

O aparecimento de Marta constitui-se como um importante acontecimento na narrativa. Esta personagem surge como companheira de Ricardo, uma mulher erudita, fina e atraente que desperta a atenção de Lúcio por ser demasiado misteriosa. Marta, como expressa Lúcio, parecia uma mulher sem reminiscências do passado: “[...] lhe perguntava naturalmente se conhecia tal cidade, se conservava muitas reminiscências da sua infância, se tinha saudades desta ou de outras épocas de sua vida...” (SÁ-CARNEIRO, 1995, p. 382). O mistério se funde em desejo e atração a ponto de Lúcio se tornar amante de Marta.

Marta seria um desdobramento do artista Ricardo de Loureiro. A narrativa apresenta diversos momentos em que Marta e Ricardo parecem ser a mesma pessoa, como na cena em que ambos lanchavam e Ricardo – a pedido de Marta - dá um beijo em Lúcio. Quando Ricardo se dispôs a beijar no rosto, o jovem escritor ficou espantado. A maciez dos lábios de Ricardo se equiparava aos de Marta, como se tivesse sido beijado pela mesma pessoa. Outro ponto de destaque é que a aparência de Ricardo havia mudado quando este foi embora de Paris e regressou a Portugal: “as suas feições bruscas haviam-se amenizado, acetinado – *feminilizado*, [...] os seus traços fisionômicos haviam-se dispersado – eram hoje menores” (SÁ-CARNEIRO, 1995, p. 378). Tudo isto aconteceu em meio à união do artista com a estranha Marta.

Através de Marta, Ricardo possuía não apenas o corpo, mas alma de seu amigo em um desejo inóspito, numa realidade caracterizada por fatos inverossímeis. Marta representa um duplo de Ricardo, um desdobramento de seu eu no qual o artista enfim pode se realizar, buscando eliminar a sensação de vazio ou angústia que reside em seu interior. Nesse ponto, o psicanalista Otto Rank, em seu estudo sobre o duplo, chega a expressar que “o conflito mental cria o duplo, o que corresponde a uma “projeção do conflito interno”, e sua realização, uma libertação interior, que traz consigo um alívio, embora à custa do “medo do confronto”” (2013, p. 128). Na experiência do duplo, o sujeito pode estar vivenciando uma tensão interna e necessita apaziguá-la, o que o direciona a um processo de fragmentação de si. Ricardo, na ânsia para saciar o seu desejo e inconformado com a existência que leva, cria uma obra de arte, Marta que o leva a possuir por completo o amigo Lúcio, dando concretude à ternura que sentia pelo escritor.

Entretanto, a relação do sujeito com o seu duplo não parece ser uma relação amistosa. Embora ele proporcione a realização do sujeito que o idealizou, este eu imaginário

## Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro

SOUSA, Leonardo Silva

pode direcionar o seu criador a um declínio, pois o atrito com a realidade é inelutável. Assim como a famosa história do mito de Ícaro quando este, maravilhado com a capacidade de poder voar, alcançou os céus a tal ponto que as suas asas derreteram fazendo com que se atirasse no mar, o sujeito ao abusar da fragmentação de si, quer tentar vislumbrar a mesma experiência de Ícaro: o desejo pelo infinito, por uma máxima realização de si mesmo.

Ricardo deseja o fantástico, o irreal, o maravilhoso. Mas essa busca desemboca em sofrimento para Lúcio, quando Marta passa a ter outros amantes, deixando esta personagem transtornada. Ao estar ciente dessa condição, Ricardo começa a detestar a sua obra prima<sup>8</sup> e percebendo o declínio na relação com Lúcio, decide por um destino fatal a Marta, detalhado por Lúcio:

Vamos ver! Vamos ver!... Chegou a hora de dissipar os fantasmas... Ela é só tua! e só tua... há-de me acreditar!... Repito-te: Foi como se a minha alma, sendo sexualizada, se materializasse para te possuir... Ela é só minha! É só minha! Só para ti a procurei... Mas não consinto que nos separe... Verás...Verás!... E no meio destas frases incoerentes, impossíveis, arrastava-me correndo numa fúria para os aposentos da sua esposa, que ficavam no segundo andar. (Pormenor curioso: nesse momento eu não tinha a sensação de que eram impossíveis as palavras que ele me dizia; apenas as julgava cheias da maior angústia...) Tínhamos chegado. Ricardo empurrou a porta brutalmente... Em pé, ao fundo da casa, diante de uma janela, Marta folheava um livro... A desventurada mal teve tempo para se voltar... Ricardo puxou de um revólver que trazia escondido no bolso do casaco e, antes que eu pudesse esboçar um gesto, fazer um movimento, desfechou-lho à queima roupa... (SÁ-CARNEIRO, 1995, 412).

Marta desaparece misteriosamente sem deixar nenhum vestígio, enquanto Ricardo tomba morto no chão. Aquela mulher desapareceu da mesma forma que entrou na vida de Lúcio, de maneira misteriosa. O narrador-personagem, ao retomar a consciência diante da fantástica experiência vivenciada, se dá conta de que o lugar que agora habitava era uma cela escura: havia sido acusado pela morte de Ricardo de Loureiro. Inverossímil da maneira como foi, seria impossível explicar-lhe a sua inocência, restando-lhe confessar a sua curiosa experiência após os anos que cumpriu.

Na dispersão de si, o indivíduo se perde em seu imaginário ao idealizar um outro eu que possa servir de pilastra para suas realizações. Mas a pilastra não se sustenta por muito tempo. Atalhado por uma crise existencial, o sujeito decide dar cabo a vida do duplo, e consequentemente acaba dando fim à própria vida. Nesse aspecto, Martins comenta que:

---

<sup>8</sup> Há uma observação destacada por Otto Rank diante da relação do sujeito com o seu duplo. Geralmente, o sujeito não atribui a responsabilidade sobre suas ações, acabando por “transferi-la a um outro Eu, um duplo, que personifique o próprio diabo ou seja criado por um pacto diabólico” (2013, p. 128). Esta ação representa a condição existencial desse indivíduo: alguém que não quer arcar com o duro peso da realidade e a responsabilidade por suas escolhas.

DOI: 10.25244/uf.v12i2.304

**Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro**  
SOUSA, Leonardo Silva

[...] a sua própria existência condena à morte aquele de quem é duplo. Se o outro é apenas uma imagem, então o eu torna-se também uma imagem, isto é, nada. E se a imagem do eu se autonomiza então o eu perde a imagem, isto é, a completude. E a dispersão, a cisão é a morte (MARTINS, 1997, p. 219).

Ao se perder no imaginário do duplo, o indivíduo abdica da responsabilidade diante da existência para aspirar à vivência de uma existência poética. Ricardo – assim como diversas personagens do universo em prosa sá-carneiriano – é um artista, de comportamento dândi, que recrimina a vida popular do homem burguês na ânsia por uma existência espetacular. Deseja ultrapassar as barreiras da realidade e por isso cria Marta, um desdobramento de si. Mas sua criação acaba por ser responsável por sua destruição.

Para indivíduos assim, imaginar a vida, tonalizando-a com marcas poéticas é muito mais interessante que vivenciá-la em meio ao turbilhão de responsabilidades e decisões concretas. Ricardo de Loureiro pretende viver uma vida de sonhos, de experiências marcadas por fenômenos sinestésicos onde a arte justifica qualquer tipo de ação sua, por mais inóspita que seja. Afinal, é pela arte que sua existência ganha cor e brilho. Fora da arte, a vida lhe parece ser impossível. Marta é sua obra prima, pois é ela que eleva a amizade de Ricardo e Lúcio ao patamar que deseja. No entanto, ela foge de seu controle, onde Ricardo não vê alternativa senão a de destruir aquilo que criou. E ao destruí-la, destrói a si mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as criaturas que habitam este mundo, o homem é este ser curioso que se angustia diante de uma situação na qual não sabe se vai sair vencedor. É também aquele que se lamenta quando não consegue alcançar um fim desejado. Mas este mesmo homem se caracteriza pela potencialidade de se definir do mundo, de alcançar um propósito específico para sua vida, lutando por um objetivo que seja capaz de afirmar a sua existência, dando a ela um sentido especial. A proposta deste artigo foi dialogar a respeito da condição existencial do indivíduo. Para tal empreendimento, buscamos uma aproximação curiosa entre dois autores de contextos e propostas distintas a serem debatidas. De um lado, um filósofo de uma Dinamarca de cultura protestante, do outro, um poeta lusitano, de caráter cosmopolita, representante do Modernismo português.

O trabalho possuiu como escopo, aproximá-los pela forma como tematizam o problema do eu em suas obras, destacando os elementos específicos que ensejam suas ideias.

Sabendo dos limites e da “ousadia” dessa empresa, buscamos analisar o conteúdo dos autores respeitando as fronteiras de cada um.

Nas linhas do livro *O desespero Humano*, Kierkegaard nos leva a meditar sobre o conceito de desespero e como ele está implicado na condição do existente. Para o autor, as categorias que expressam a desenvoltura do indivíduo em seu existir possuem as marcas da doença mortal. O homem se desespera, afinal, porque ele possui a capacidade de tornar-se

**Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de  
Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro**  
SOUSA, Leonardo Silva

um eu. É necessário que, em uma relação derivada dos termos, o Espírito possa aparecer. Apenas Deus pode auxiliar o homem diante da doença mortal. A fé e a capacidade de transformação existencial podem levar o existente a enfrentar este enfermo. Quanto maior a consciência da doença mortal, mas intensa sua manifestação. Neste ponto, o indivíduo pode decidir se recua ou se desafia a doença, sabendo que por suas próprias forças a salvação é uma empresa destinada ao fracasso. Somente Deus pode lhe salvar.

Sá-Carneiro, na famosa narrativa de *A confissão de Lúcio*, não deixa de oferecer um terreno fértil para discussões que envolvam a existência humana. A narrativa, marcada pela tradição simbolista e próxima das vanguardas é uma obra que se contrapõe aos cânones da tradição realista. A dispersão do eu está entre as questões basilares desse texto. Nessa obra, Sá-Carneiro desenvolve esta questão apresentando o sujeito em uma desarmonia com a sua condição existencial. Buscamos nos focar apenas em Ricardo de Loureiro, mas a maiorias das personagens são passíveis de uma análise psicológica a respeito de seus comportamentos como Lúcio Vaz, Marta, Gervásio Vila-Nova e outros que não foram apresentados. Em Ricardo de Loureiro, encontramos a experiência do desdobramento do eu, quando este, busca por meio da criação de um duplo, o alcance necessário para realizar um desejo ou uma vontade reprimida. Ricardo, alimentando um desejo misterioso por Lúcio Vaz, acaba criando a magnífica Marta, a mulher que estabelece a união entre os artistas. Mas o duplo criado foge do controle do artista, levando seu objeto amado a uma crise insondável. Resta ao criador destruir a sua obra-prima e, ao destruí-la, põe cabo à própria existência.

Ricardo de Loureiro idealiza um eu imaginário que se movimenta com maior arbitrariedade e por ele, tenta alcançar um objetivo, saciar um desejo. Mas como demonstra o fim de *A confissão de Lúcio*, esta atividade poética, imagética e ilusória do sujeito o leva ao próprio definhamento de si mesmo, restando-lhe a morte, o suicídio.

Observamos diferenças pelas quais, Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro articulam esta questão nos textos que foram analisados. Mas uma particularidade aproxima os referidos autores: ambos apresentam o problema da existência do ser humano enquanto busca por soluções que possam eliminar a experiência de incompletude. O homem em seu desespero lança a mão de diversas possibilidades efetuadas para tentar apaziguar essa condição que reside em seu interior, mas somente a relação com o Absoluto há de orientá-lo para a adequada relação consigo mesmo. Ricardo de Loureiro tenta por meio de um processo de “dispersão de si” realizar-se plenamente, saciando o seu insólito desejo. Se Kierkegaard aponta como saída para o desesperado, a relação com Deus, fonte original de toda vida, Mário de Sá-Carneiro apresenta a arte como única forma de se alcançar uma vida extraordinária e poética, mesmo que os meios se constituam como inverossímeis e estranhos para esta empresa, como é o caso da recorrência ao duplo que vale como um dos elementos fantásticos de sua narrativa.

## REFERÊNCIAS

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DOI: [10.25244/uf.v12i2.304](https://doi.org/10.25244/uf.v12i2.304)

**Do desespero à fragmentação da vida: uma análise existencial do eu a partir de Kierkegaard e Mário de Sá-Carneiro**

SOUSA, Leonardo Silva

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O desespero Humano (Doença até a morte)**. Os pensadores. Tradução: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Ou-Ou. Um fragmento de vida** - Primeira parte. Trad. Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2013.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Pós-escrito não científico às Migalhas Filosóficas**. Traduzido por Álvaro Luiz de Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2013. (Pensamento Humano).

MARTINS, Fernando Cabral. **O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro**. Lisboa, Editoria: Estampa, 1997.

RANK, Otto. **O duplo**. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Obra Completa de Mário de Sá-Carneiro**. Introdução e organização, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.